



FUNES, O ARQUIVISTA DA MEMÓRIA – REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Sarah Catão LUCENA¹

Resumo: Este artigo tem como propósito pensar a respeito do tema da memória e seu reverso, o esquecimento, na atualidade, utilizando-se da análise do conto *Funes, o Memorioso*, do escritor argentino Jorge Luis Borges. Para tanto, recorreu-se às reflexões de alguns dos principais teóricos da memória. Com Paul Ricoeur, buscou-se, especialmente nos seus textos sobre os usos da memória e do esquecimento, tratar principalmente deste último enquanto uma não-disfunção da mente. Com Pierre Nora, por meio de suas reflexões sobre os *lieux de memoire*, e Jesus Martin-Barbero e seu *boom* da memória, foi possível atualizar o conto de Borges como uma metaforização do mais representativo sintoma da contemporaneidade, que Márcio Seligmann-Silva chama de *era dos arquivos*. Nesse ponto, encontramos interlocução com Walter Benjamin e seu conceito de arquivamento no fazer história. É quando podemos ver em Funes, então, a imagem de nossa atual obsessão pelo resgate da memória.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Esquecimento. Arquivo. Contemporaneidade.

Funes, o insone

90

Segundo o próprio Jorge Luis Borges², *Funes, o Memorioso* é uma grande metáfora do insone. Tal como para Gibreel Farishta, n' *Os Versos Satânicos*, para Ireneo Funes dormir era um pesar. Para Farishta, manter-se acordado o protegia de, ao dormir, participar de experiências quase indizíveis por se configurarem sobrenaturalmente reais. Já Funes disse: “Meu sonho é como a vigília de vocês” (BORGES, 2007, p. 105). Era impossível libertar-se do estado de vigília de percepção das coisas. Sua memória incontrolavelmente ativa dificultava o estado de distrair-se do mundo que é dormir. Para conseguir dormir, Funes precisava criar imagens neutras na sua cabeça, como quando imaginava casas “pretas, compactas, feitas de treva homogênea” (BORGES, 2007, p. 108) ou ainda quando se imaginava no fundo do rio, anulado pela corrente da água.

Concomitantemente, o tempo do dormir é o momento em que se deixam fluírem livres as ideias na mente. Imagens de memória latentes podem erigir nos sonhos, livres das molduras da consciência. Mas, se temos memórias latentes, é porque fazemos uso do

¹ Aluna do Mestrado em Teoria da Literatura do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. sarahcatao@gmail.com

² Informação coletada na matéria *Borges y el arte del olvido*, publicada no site <http://www.revistaenie.clarin.com> em 20 de junho de 2011.



esquecimento para que seja possível viver o estado do lembrar-se. Só se lembra de algo que estava esquecido. Funes não tinha, porém, a chance do esquecimento que propicia o lembrar.

O protagonista do conto *Funes, o Memorioso*, escrito em 1942, é um rapaz de 19 anos que vive na cidade de Fray Bentos, no Uruguai, nos idos de 1800. Era conhecido como o “cronométrico Funes” visto sua peculiaridade de saber as horas como se fosse um relógio, sem consultar, para isso, nem mesmo o céu.

Após sofrer uma queda de um cavalo redomão, Funes fica paralítico. O suposto traumatismo craniano (ler Borges, muitas vezes, impele a buscar respostas nas neurociências) sofrido por Funes, se lhe causou a imobilidade, parece que transferiu toda a sua energia motora para outros sentidos.

Ireneo, após a queda, teve como que potencializadas a sua percepção e a sua memória. Não só o presente tornou-se intoleravelmente rico e nítido, como “também as memórias mais antigas e mais triviais” (BORGES, 2007, p. 104). Viver agora era lembrar. A imobilidade era o preço mínimo a pagar pela percepção e memória perfeitas. Mas existe aí também uma imobilidade simbolizada no viver exclusivamente para a rememoração, ato diferente da memorização, como observa Paul Ricoeur (2008). Na medida em que Funes vivia a lembrar, detalhadamente, as marcas dos momentos, não era capaz de pensar. O próprio narrador já disse desconfiava: “Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não fosse muito capaz de pensar” (BORGES, 2007, p. 108). Em Ricoeur (2008), vemos que memorizar encerra maneiras de aprender, de forma que a novidade seja fixada até que a memória torne-se memória-hábito, o que compreende uma economia de esforços do pensamento que dispensam o sujeito de aprender novamente. Funes ainda aprendia, isto é, memorizava, e talvez nesses curtos momentos em que não estava rememorando ele pudesse ainda pensar. O que se sobressaltava, porém, era seu estado de rememoração constante.

Funes, o memorioso, mas também o insone, encontrava-se no paradoxo do viver na imobilidade do não-pensar. A sua condição de eterno prisioneiro não era exatamente, ou somente, a da condição de paralítico, mas da condição de preso a viver de rememorar. Ireneo Funes podia mesmo reconstruir dias inteiros por meio de sua memória infalível, mas para isso requeria também um dia inteiro. Os agoras de Funes eram construídos de ontens.



Uma memória desimpedida

Encontramos na obra de Paul Ricoeur *A memória, a história, o esquecimento*, especialmente nos capítulos 2, *A memória exercitada: uso e abuso*, e 3, *O esquecimento*, um extenso debate sobre memória e os temas que a circundam, como história, esquecimento, trauma e perdão, analisados em conjunto com a perspectiva de diferentes disciplinas. Normalmente, quando se reflete sobre memória, é comum fazer apelos a outras áreas de conhecimento, como psiquiatria, psicologia, neurociências, não necessariamente com fins de buscar respostas, mas problematizar os enigmas que o estudo da memória levanta.

É em Ricoeur que aprendemos que, no mais das vezes, quando se fala de memória, os seus estados “anormais” são sempre vislumbrados como déficits ou enfermidades. Decorrente de uma queda com traumatismo craniano, por exemplo, Ricoeur fala de *memória ferida*. Enquanto patologia, a memória ferida desencadearia o que Ricoeur chama de *memória impedida*. Numa interlocução com Freud, que debate em alguns de seus ensaios³ patologias vinculadas à memória, a memória impedida vai de encontro ao *trabalho* da rememoração, fazendo isso por meio da *compulsão* de repetição. Isto é, o trajeto da memória não se completa na medida em que o sujeito não trabalha o fato passado transformando-o em lembrança, mas apenas o repete. E aí a memória fica impedida.

É evidente que, em Funes, podemos pensar que sua condição caracteriza uma patologia da memória. Quando o narrador do conto considera “inverossímil e até incrível que alguém fizesse um experimento com Funes” (BORGES, 2007, p. 105), a ideia de que ele vivia sob um estado excepcional que justificaria ser ele objeto de experimento ratifica o caráter de memória ferida do personagem. Mas a condição tão particular de Funes só adquire um aspecto patológico enquanto *reversibilidade*.

Na literatura médica, o que encontramos como déficits de memória são as relacionadas justamente ao esquecimento, nunca a uma “ênfase” da memória. Funes cai do cavalo, sofre uma queda que o deixa paralítico, conseqüentemente tendo áreas de seu cérebro afetadas, mas não perde a memória — ganha mais, em quantidade, inclusive. É nesse sentido que poderíamos trabalhar com Funes sob a ótica de um trauma

³ *Rememoração, repetição e perlaboração*, de 1914, e *Luto e melancolia*, de 1915, são dois dos ensaios de Freud que debatem o tema da memória. Paul Ricoeur os cita e os discute em *A memória exercitada: uso e abuso*.



reverso da memória. Sua memória, pela condição de anormalidade, é uma memória ferida, porém não impedida, mas desimpedida em absoluto. A compulsão do lembrar, em Funes, torna-se o estado de existência próprio e natural do personagem.

Essa memória desimpedida constituiria também um abuso da memória natural tal qual sob a ótica de Ricoeur. Na esteira do pensamento reverso da memória impedida, seria o enigma em Funes justamente completar “demais”, o tempo inteiro, o trajeto da memória? Sendo o trauma uma ferida na memória (SELIGMANN-SILVA, 2000), seria essa a ferida da memória de Funes, decorrente de seu trauma — a queda?

Funes pode ainda ser metaforizado, na sua capacidade hiperbolicamente totalizante de arquivar, como o modelo historiográfico clássico de construção da escrita histórica — mas que não obtenhamos dessa interpretação uma leitura ingênua e acrítica, uma vez que a escrita borgeana deve nos acostumar a suas trapaças e, de certa forma, irônicas referências (LIMA, 1988). Nesse sentido, Funes seria a própria produção viva de fontes históricas, na sua pretensão historiográfico-cientificista de se pretender possível de dar conta de toda a história. A imobilidade em Funes, não só representada pela incapacidade de pensar, é mesmo também a somatização, no corpo, da permanência exclusiva da memória no seu mundo entulhado de detalhes.

93

Funes: uma metáfora da memória moderna

“*Modern memory is, above all, archival.*” (NORA, 1989, p. 13) É nessa frase de Pierre Nora que vemos resumido aquilo no que se transformou a eloquente busca da sociedade contemporânea pelo fazer memória. Esse movimento, que Barbero (2000) chama de *boom* da memória, teria tido seu início com o fim da narrativa — fim este decorrente, numa concepção bastante benjaminiana, do acúmulo de catástrofes sob as quais se erige o presente e a história, como os efeitos das duas grandes guerras e, mais contemporaneamente, da industrialização em massa da sociedade e das inúmeras “pequenas” guerras entre minorias étnicas, raciais, de gênero, resultando na fragmentada concepção de identidade nacional.

As grandes guerras não só questionaram e fragmentaram a ideia de suposta inteireza de identidade nacional, mas impediram também uma transmissão da narrativa, nudez causada pelos traumas vividos nas guerras. As memórias dadas e oficializadas não serviam mais para transmitir o novo sentimento de *ser* do homem. Já com o rápido desenvolvimento industrial, o tempo passa a ser definido pelo ritmo da indústria. E esse



ritmo pretende que o tempo de permanência do agora seja o mais curto possível, gerando um ciclo de necessidade que sustenta o próprio sistema industrial. Nesse contexto que redefine o tempo — e conceitua o que seria o tempo moderno —, ocorre o que Pierre Nora chama de *aceleração da história*:

The acceleration of history: an increasingly rapid slippage of the present into a historical past that is gone for good, a general perception that anything and everything may disappear—these indicate a rupture of equilibrium. The remnants of experience still lived in the warmth of tradition, in silence of custom, in the repetition of the ancestral, have been displaced under the pressure of a fundamentally historical sensibility. Self-consciousness emerges under the sign of that which has already happened, as the fulfillment of something always already begun. We speak so much of memory because there is so little of it left. (NORA, 1989, p. 7)

Assim é que gradualmente vimos se desenvolver “la fiebre de la memoria que padece nuestra sociedad”, nos dizeres de Barbero (2000). E nessa febre da memória está o campo que legitima o surgimento da obsessão por arquivo, propiciada não só pela “falta de memória” que pede a sua busca, mas pela facilidade tecnológica de reprodução e preservação da memória e da história. A isso, Derrida (*apud* SELIGMANN-SILVA, 2009) chama de “mal de arquivo”, quando temos *memória demais (hipermnésia)* “graças às infinitas possibilidades de arquivamento” decorrentes da tecnologia; e *memória de menos (hipomnésia)*, fruto dos traumas do século XX que geraram “cemitérios de cadáveres e de memórias”.

94

Um pouco antes de Nora e Barbero, já temos Walter Benjamin sugerindo que a história devesse ser reestruturada a partir do princípio do arquivo⁴. E se para Benjamin a história era um acúmulo de catástrofes onde, em suas ruínas, erigia-se o presente, esse arquivo da história seria contido justamente pelos detritos, detritos do passado.

Nesse sentido, vemos em Funes aquele trapeiro/catador-historiador vislumbrado por Walter Benjamin quando ele, Ireneo, diz: “Minha memória, senhor, é como depósito de lixo”. Funes incorpora e simboliza esta moderna obsessão de tudo arquivar e transformar em memória, a ponto de, podendo tudo reter, já não sabermos mais o que é útil para continuar a guardar: “*It becomes impossible to predict what should be remembered — whence the disinclination to destroy anything that leads to corresponding reinforcement of all the institutions of memory*”, diz Nora (1989).

⁴ A respeito dessa ideia, ver principalmente *Sobre o conceito de História*, de Walter Benjamin.



A Lacuna não é um vazio

Talvez um dos temas mais centrais em Funes que nos fazem repensar nosso modo de enaltecer obsessivamente a memória seja o da necessidade do esquecimento. Quando se fala em esquecimento, contudo, o senso comum nos remete a pensar nele como uma patologia, um “dano à confiabilidade da memória”, nas palavras de Ricoeur (2008), decorrente daquela memória ferida já apontada acima.

Segundo Ricoeur (2008), o esquecimento se equipara ao envelhecimento e à morte como fatos irremediáveis, e por isso deplorados. Nesse ponto de vista, ao esquecimento é atribuído o apagamento dos rastros, o esquecimento definitivo que ameaça a vida e a memória, e, por isso, uma disfunção. Mas Ricoeur problematiza essa perspectiva por meio do seguinte paradoxo: o esquecimento seria uma das condições para a memória.

Uma imagem me acode ao espírito; e digo em meu coração: é ele sim, é ela sim. Reconheço-o, reconheço-a. Esse reconhecimento pode assumir diferentes formas. Ele já se produz no decorrer da percepção: um ser esteve presente uma vez; ausentou-se; voltou. Aparecer, desaparecer, reaparecer. Nesse caso, o reconhecimento ajusta — ajunta — o reaparecer ao aparecer por meio do desaparecer. (RICOEUR, 2008, p. 437)

95

Funes, enquanto simbologia do arquivamento moderno, representa a finalidade ao extremo do arquivo, que é se proteger da ameaça do apagamento da memória causada pelo esquecimento. Mas a função do ato saudável de lembrar não precisa da existência do esquecimento para acontecer? O retorno de um fragmento do passado só pode ser chamado de retorno se, antes, esvaiu-se no tempo. Assim, o esquecimento manifestaria somente disfunções da memória ou podemos encontrar um sentido construtivo no uso do esquecimento?

Existe também um componente de passividade presente em Funes decorrente da imobilidade de não pensar. Parece que ele só acumula, como um depósito obsessivo de detalhes. Não há aí um fazer, no sentido de ação do verbo, memória. Quando Deleuze (*apud* RICOEUR, 2008) diz que “o passado é ‘contemporâneo’ do presente que ele foi [...] e nunca se constituiria se não coexistisse com o presente do qual ele é o passado”, percebemos que Funes não coexiste com seu presente. Na sua incapacidade de abstrair reside sua imobilidade também de esquecer e tornar possível dialogar o presente com o



passado.

Ireneo Funes, de 19 anos, com sua aparência “monumental como o bronze, mais antigo que o Egito, anterior às profecias e às pirâmides”, concretiza o passado no seu sentido mais cru: velho, findo, acabado. No anverso de sua história enxergamos que é preciso haver lacuna, que é diferente de vazio; assim como esquecimento não significa necessariamente amnésia. Precisa-se poder esquecer os detalhes irrelevantes para concentrar-se no essencial.

*J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans*⁵

Por fim, percebe-se em Funes uma verdadeira atualidade na problematização da memória moderna feita por Borges, quando, em 1942, já produzia, além de uma discussão sobre lembrança e esquecimento, também um debate sobre o que Nietzsche (*apud* BARBERO, 2000) chamava de “incapacidade de esquecimento”, que “faz da vida um museu”.

Seria uma virtude ou uma maldição a capacidade de recordar-se de tudo? Diz Funes: “Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo” (BORGES, 2007, p. 105). Quão exorbitante é essa trajetória de vida, tão morta pela inatividade de estar na prisão do passado infundável? Devemos mesmo seguir nessa direção de fazer de cada rastro da nossa era um arquivo? A memória exclusivamente, sem a completude do seu oposto, se torna obsoleta na sua função: “Pensei que cada uma de minhas palavras (que cada uma de minhas atitudes) perduraria em sua implacável memória; tolheu-me o temor de multiplicar gestos inúteis” (BORGES, 2007, p. 108), desabafa o narrador, antes de nos informar do fim de Funes, morto por congestão pulmonar.

Abstract: The purpose of this work is, by analyzing the short-story *Funes, o Memorioso*, written by Jorge Luis Borges, to think about memory and its reverse, forgetfulness, in this era. In order to do so, reflections were made upon the ideas of some theorists of memory. From Paul Ricoeur, his writings about the uses of memory and forgetfulness allow us to think about forgetfulness as a non-dysfunction of the mind. Pierre Nora and his *lieux de memoir* and Jesus Martin-Barbero and his boom of memory make possible to perceive in Borges's short-story a representation of what Márcio Seligmann-Silva calls era of the archives, a symptom of contemporaneity. Further, we

⁵ “Eu tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos”, numa tradução livre de frase do poema *Spleen*, de Charles Baudelaire.



can establish a connection with Walter Benjamin and its principle of archiving in the making of history. Through these concepts we can see Funes as the representation of our contemporary obsession for the collection of memory.

Key-words: Literature. Memory. Forgetfulness. Archive. Contemporaneity.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 7 ed. 1994.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

LIMA, Luiz Costa. Aproximação de Jorge Luis Borges. In: LIMA, Luiz Costa. *O fingidor e o censor: no ancien regime, no iluminismo e hoje*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1988.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dislocaciones del tiempo y nuevas topografias de la memoria. In HOLANDA, Heloisa Buarque de; RESENDE, Beatriz (orgs.) *Artelatina: cultura, globalização e identidades*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.

NORA, Pierre. *Between memory and history: Le lieux de mémoire*. Representations. Califórnia: University of California press. Nº 26, p. 7-24. 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Unicamp. 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.

Artigo recebido em 20/07/2011
Artigo aceito para publicação em 08/11/2011